



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

CANCIONEIRO

DE

S. SIMÃO DE NOVAIS

COLIGIDO POR

FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA

(Conclusão do n.º anterior, pág. 151)

397

Inda ontem me disseram
eu que tinha uma comadre;
eu inda sou solteirinha,
como pode ser verdade?

399

Dá-me o teu lenço, António,
ou me dá o teu chapéu :
já não posso suportar
tanto sol que vem do céu.

401

A galinha está doente,
o galo faz-lhe o jantar,
o cão acarreta a lenha,
o gato surrasca o lar.

403

Eu quero-te tanto bem
como à cinza da barrela :
arrumá-la p'ra um canto,
não fazer mais caso dela...

405

Passei pela tua porta,
espreitei p'la fechadura;
tu não me *abristes* a porta,
coração de pedra dura!

398

Sim senhora, não senhora,
foi a minha criação;
foi a primeira doutrina
que a minha Mãe me ensinou.

400

Uma meia meia feita
outra meia por fazer :
diga lá, minha menina,
quantas meias vêm a ser.

402

Eu quero-te tanto bem,
eu quero-te tanto, tanto...
Isto é feitiçaria,
ou milagre de algum santo!

404

O' Balasar, Balasar !
quem te atirara dois tiros
c'uma espingarda de cana
carregada de suspiros!

406

Quero bem ao meu amor,
não tenho onde o meta...
Dentro do meu coração,
na derradeira gaveta...

219

407

Maricas, por Deus te peço,
por Deus te mando pedir :
uos braços em que me arrolas
não deixes outro dormir...

409

Tenho dentro do meu peito
botica p'ra boticar :
para te dar o remédio,
p'ra te acabar de matar...

411

Trazeis cabelo atado
pelas costas, ao comprido...
Nas ondas do teu cabelo
anda o meu amor 'scondido!

413

Cidade nova de Coimbra,
onde se formam doutores !
Foram lá que se formaram
os meus primeiros amores.

415

Os carvalhos dão bogalhos,
também dão coisinhas boas;
também eu dou minhas falas
consante são as pessoas...

417

Pus-me a chorar saudades
ao pé duma sepultura;
uma voz me respondeu :
Males de amor não têm cura.

419

São dez horas, vai p'ra as onze,
'stá a chegar o meio dia :
estão-se a aproximar as horas
de falar p'ra quem eu qu'ria.

421

Quando o sol deixar de dar
naquele mais alto freixo
é que tu hás-de saber
a razão porque te eu deixo.

408

Eu já fui à tua casa,
vi os cantos que ela tem :
já dormi na tua cama,
caibo nela muito bem...

410

Lindos olhos tem as trutas;
quem me dera assim os meus !
hei-de lavar os meus olhos
onde a truta lava os seus...

412

Fui-me confessar e disse
que não tinha amor nenhum;
por penitência me deram
que tomasse sequer um...

414

Tenho um amor que me ama,
outro que me dá dinheiro,
outro que me veste e calça :
êsse é o mais verdadeiro...

416

Tenho dentro do meu peito
uma laranja partida
para dar ao meu amor
que anda co'á beica caída...

418

De noite tanto chorei...
A lágrima chegou ao mar,
que me deram por notícia
meu amor ir-me deixar.

420

O primeiro é jejuar,
(bem jejuar quem não come);
um beijo duma menina
manteve três dias um *home*.

422

Os sete estrélos caíram,
deram na guarda do tanque.
Agora é que me tu deixas,
que t'eu tinha amor bastante... (!)

423

Hei-de te amar, que me pedem,
(não quero ser descortês);
quero fazer a vontade
a quem ma a mim nunca fêz.

425

Tôda a vida trabalhei,
tôda a vida passei fome;
hei-de me pôr a brincar:
quem brinca também não come...

427

O meu amor quer que eu tenha
juízo, capacidade;
tenha-o êle, que é mais velho,
que eu sou de menor idade.

429

Minha mãe, deixe-se disso,
que são sonhos variados:
olhe o lucro que lhe tiram
os homens que estão casados. ⁽¹⁾

431

Ouro ao redor da cinta,
ouro ao redor da trança;
quem do ouro faz rodilha
do amor *fá-la* inudança.

433

Já fui capitão de cabras,
agora vou p'ra maior,
agora vou p'ra Valença
tomar ordens de maior.

435

Você diz: casar! casar!
Não se lembra do futuro.
Não se lembra do diabo
que os pobres ambos *aturo*.

437

Quem me pôs o nome Rosa
decerto já tinha visto
Rosa no Céu e na terra,
Rosa no altar de Cristo.

424

Minha Mãe, p'ra me casar,
prometeu-me quanto tinha;
depois de me ver casada
deu-me um fole sem farinha...

426

Tôda a mulher que se casa
grande castigo merece,
que se vai deitar na cama
c'um homem que não conhece.

428

Meu filho, sonhei um sonho,
vamos ver se é teu agrado;
a ver se estás resolvido
a tomar novo estado.

430

Hoje é o primeiro dia
que eu neste lugar cantei.
Só queria adivinhar
se eu *inorada* serei.

432

Eu quando vou p'ra comer
os pratos fazem *dlim, dlim*.
Deus dê um pedaço do Céu
a quem te fêz para mim.

434

Dei um nó na fita verde,
outro no preto *ridor*;
inda 'spero de dar outro
na mão d'reita ao meu amor.

436

Inda não é meia noite,
nem tam pouco onze horas:
inda te não disse adeus,
ó meu amor, porque choras?

438

Canta, canta, cantadeira,
que êste povo quer ouvir!
Se estás doente do peito,
ninguém te cá mandou vir...

439

Anda cá, meu goivo branco,
criado na goivaria!
Tens amor? Trata-o por tu:
amor não tem senhoria.

441

O' Senhora da Abadia,
vinde abaixo dar-me a mão!
Eu sou rapariga nova,
cancei no *arrebentão*.

443

Ondas do mar, abrandai,
que eu qu'ria pilhar um peixe!
Eu qu'ria deixar o mundo,
antes que me êle a mim deixe.

445

Ao passar do portelinho,
a meu primo dei a mão;
se êle não fôra meu primo,
ou lha daria ou não...

447

Se fores ao cemitério,
no dia do meu entêrro,
pede à terra que não coma
as tranças do meu cabelo.

449

Adeus, que me vou embora,
Aguas-Santas, Rio-Tinto!
Saudades que por ti levo
Deus as sabe, e eu as sinto.

451

Algum dia, p'ra te ver,
abri as portas da rua;
agora dava dinheiro
p'ra não ver a sombra tua.

453

Pediste-me uma laranja?
Eu não tenho laranjeira;
se queres um limão doce,
salta cá dentro à eira.

455

O' mar largo, ó mar largo,
ó mar largo sem ter fundo!
Mais vale andar no mar largo
do que nas bôcas do mundo.

440

O' *lindeiro*, anda à guerra,
que eu bem ouço dar os tiros!
Eu bem ouço combater
os meus ais com teus suspiros...

442

No meio daquele mar
tenho uma pedra comprida;
tem um letreiro que diz:
Quem lá for, arrisca a vida.

443

Eu, amar bem te amava,
se fôras da *ugalha* minha:
tu és da fôlha mais alta,
eu sou da mais pequeninha.

446

A silva que me a mim prende
à tua janela nasce;
nunca me a silva prendeu
que eu dela não retirasse...

448

Já há muito não vi Ana,
nem ao jantar, nem à ceia;
que é da minha rica Ana,
que é da minha cara cheia?

450

Algum dia, p'ra te ver,
abri as sete janelas;
agora, p'ra te não ver,
não abro nenhuma delas.

452

Algum dia, p'ra te ver,
sete janelas abria;
agora, p'ra te não ver,
outras sete fecharia.

454

O' mundo, que foste mundo!
agora já o não és;
agora já te viraste
com a cabeça p'ra os pés.

456

As ondas do mar são brancas,
no meio são amarelas;
coitadinho de quem nasce
p'ra se ver no meio delas!

⁽¹⁾ As cantigas 428, 429, 109 e 1 constituem um diálogo entre mãe e filho.

457

Minha maçã vermelhinha,
que me deu um caiador!
Tenho-a na minha caixa,
inda não perdeu a côr. ⁽¹⁾

459

Quem me pôs o nome Rosa
devia de adivinhar:
Rosa no Céu e na terra,
Rosa em todo o lugar. ⁽²⁾

461

Oh! se vós adivinháreis
como se chama o meu *home*...
Chama-se o calça caída,
Marelo, cara de fome...

463

Diz que tenho pouca roupa?
Se tens mais, é teu proveito!
Menos tenho que tirar
à noite quando me deito...

465

Quem me quer comprar que eu vendo
chá de laranjeira azêda?
Os homens a trinta réis,
e as mulheres a moeda...

467

Hei-de casar êste ano:
êste ano casa tudo...
Não quero ficar p'ra o ano,
p'ra o ano fica o refugio...

469

Suspirando, dando ais,
vai meu amor pela rua:
suspiros, quantos quiseses,
eu sou de outro, não sou tua.

471

Aquele navio novo
julga que me há-de levar;
Eu julgo que não hei-de ir
passar as ondas do mar.

458

O anel que tu me deste
era de vidro e quebrou;
a amizade que te eu tinha
era pouca e acabou. ⁽³⁾

460

Vou embora de meu amo;
não lhe devo nem um dia;
antes me êle deve a mim
as noites que eu não dormia.

462

Eu amanhã vou à missa,
no adro faço parada.
Tôda a gente me aborrece,
só o meu amor me agrada.

464

Semei trevo no mar,
só me nasceu uma geira.
Quando nasceram os homens,
nasceu fraca sementeira...

466

Hei-de casar êste ano
ou para o outro que vem:
são os homens mais baratos,
custa um cento um vintém...

468

O' freguesia de Arnoso,
deixar-te muito me pesa!
Inda espero de tornar
ao centro da natureza.

470

Já morri, já me enterrei
debaixo de dois torrões;
tornei a ressuscitar
com as tuas orações.

472

Se eu soubesse o Padre-Nosso
como sei cantar cantigas,
andava sempre a rezar
à porta das raparigas.

⁽¹⁾ Cf. 11, 361.

⁽²⁾ Cf. 331 — 335.

⁽³⁾ Cf. 437.

473

Semei no meu quintal
o brio das raparigas:
nasceu-me uma rosa branca
cercada de margaridas.

475

Caçador, que vai p'ra a caça,
não vai p'ra caçar a lebre;
vai p'ra caçar a menina
lá no *coberto* alegre.

477

Não há navio sem remo,
nem rio sem corta-mar,
nem donzela sem amor:
só se o não quer tomar...

474

Quando eu aqui cheguei,
logo por ti perguntei;
não me deram novas tuas:
com vergonha não chorei...

476

Se ouvires assobiar
num assobio baixinho...
Se êle for o meu amor,
demora-te um bocadinho.

478

Eu não canto por cantar,
nem por bem cantar o digo:
eu canto para espalhar
paixões que trago comigo...

L

ADITAMENTO

Nas palavras que antecedem esta colecção de cantigas, disse que algumas delas podiam ser ouvidas, com maior ou menor variante, nas diversas províncias de Portugal, e até na Galiza.

Ao percorrer as páginas do «Cancionero popular gallego», de Ballesteros ⁽¹⁾, surpreende-nos a semelhança, a quasi identidade entre a poesia popular galega e a portuguesa. E mais flagrante é a semelhança, atendendo à pronúncia do minhoto. Vê-se que é bem insignificante a diferença da língua, dos costumes e dos sentimentos dos dois povos que o Rio Minho separa. Para o demonstrar, vou transcrever algumas quadras daquele Cancioneiro, pondo-lhes

⁽¹⁾ D. José Pérez Ballesteros — Cancionero popular gallego y en particular de la Coruña, 3 vol. (Tomos VII, IX e XI da «Biblioteca de las tradiciones populares españolas», director Antonio Machado y Alvarez, Madrid 1885 — 1886).

o mesmo número que corresponde ao das trovas análogas do «Cancioneiro de S. Simão de Novais», para mais fácil confronto.

Oito séculos de separação política não conseguiram diferenciar as raças, mas talharam com nitidez as fronteiras das duas nações peninsulares. Compreende-se, todavia, que o Galego não esteja ainda conformado com tal ideia, e nos lance esta apóstrofe:

«Portugués, e rebeludo,
fillo de tam mala lei:
qué che custaba decir
viva, viva o noso rei?»

Que quereis, irmãos de alén-Minho? O vosso Rei é um grande Chefe de Estado e estimamos que ele viva longamente, para continuar a fazer-vos felizes. Mas, quanto a nós, preferimos ser mal governados pelos de casa...

5

Déixam'ir que teño prèsa
von co'a auga de regar;
eche mañán, día santo
falaremos de vagar.

19

Fuche contar mal de min
á quen tanto me quería;
sabendo qu'esa persona
á min todo m'o dicía.

35

Debaixo d'a oliveira
non chove, nin fai orballo:
rapaza, s'has de ser miña
non deas tanto traballo.

66

Tamén a folla d'o millo
amosta ter picardía:
¡garda o orballo d'a noite
para beber pol-o día!

104

N-a miña vida tal vin
n-aldea de Sigrás;
unha cadela con pitos
unha galiña con cás.

11

Unha mazán bermelliña
picada d'un rei señor
quen-a picou que a roya
que lle levou o millor.

28

S'o mar tivera barandas
fórate ver ô Brasil;
mais o mar non ten barandas:
amor meu ¿por ónd'hei d'ir?

38

Paséi pol-a tua porta
pedinch'auga e non m-a deche
valga-me Dios queridiña,
que soberbia te fexech.

77

Pol-a ponte de Monelos
vintecinco xastres van
cada un con unha fouce
para matar unha ran.

104

Eu ben vin segar o viño
e o centeio vindimar,
e unha cadela com pitos
e un galiña ladrar.

112

Toda-l-as penas s'acaban,
meu glorioso San Martín;
toda-l-as penas s'acaban
as miñas non teñen fin.

125

Miña nai ten tres ovellas,
todas tres m'as ha de dar:
unha cega, outra coxa,
outra xa non pode andar.

148

Funme deitar à durmir
ô son d'a auga que corre
e a auga foime dicindo:
«quen ten amores non dorme».

162

Vintecinco servilletas,
seis réas en cada vólta,
nena, que estás n-a ventana,
baixa e bótalle a conta.

190 — 192

Miña sogra morreu onte,
Dios lle deá a groria santa;
que me deixou por herdeiro
d'os remendos d'unha manta.

199

Chamácheme moreniña
eche d'o polvo d'a eira
xa me verás pra domingo
com'a guinda n-a guindeira.

223

N'o outro lado d'o río
ten meu padre un castiñeiro
dá castañas n-o Agosto
uvas brancas n-o xaneiro.

113

Eu ben vin estar a morte
depinicando n-as uvas:
vai-te d'ahí, morte negra
desamparo d'as viudas.

125

Miña nai por me casar
prometéume tres ovellas:
unha manca outra coxa
y outra uxona (!) sin orellas.

159

Solteiriña, non te cases,
aproveita a boa vida;
qu'eu ben sei d'unha casada
que chora d'arrepentida.

162

Vintecinco servilletas,
seis réas en cada punta,
mozo de tanta sabencia
respondem'a esta pregunta. (?)

190 — 192

Miña sogra morréu onte,
enterréina n'o borrallo,
eu, á calcarl'a cabeza
y-ela a soerguer o rabo.

203

Chamácheme moreniña;
¡branquiña, váite lavar!
disme que non teño amores
¡inda ch'os heide prestar!

231

Hei de vir, e hei de ir
fala non ch'a hei de dar
heite de fazer moer
com'os barqueiros n'o mar.

(1) Diz o colector que ignora o significado deste termo, que corresponde à palavra *mona* da cantiga portuguesa.

(2) A primeira forma é da Corunha e a segunda de Lugo. Para a 1.^a há a seguinte desenvolta resposta:

Anda ti valente burro
o que fache preguntar
seiscentos son trinta pesos
non tés volta que lle dar.

249

Esta aldeia de Pravio
de lonxe parece vila,
ten unha rosa n-a entrada
e un caravel n-a saída. (1)

308

O piolho e mail-a pulga
andan n-o monte á cavar;
ti, carrouchiño pequeno,
vái á levarll'o xantar.

348, 393

Hoxe e luns, mañan é martes,
cuarta feira logo vén
tárdame moito o domingo
por ver á quen quero ben.

405

Pasei pol-a tua porta
miréi pol-a pechadura;
; non me quixeches falar
corazón de pedra dura !

414

Teño un amor que me cela
outro que me dá diñeiro,
outro que me desengaña,
; éste é o máis verdadeiro !

263

Se tu viras o qu'eu vin
fuxiras com'eu fuxín
un gato n'unha ventana
! tocando n'un violín.

333

O anillo que me deches,
era de vidro e crebóu
tan mala guía ti leves
como o anillo levóu.

400

Unha media e media feita
e outra media por facer
dime tí, meu queridiño,
cantas puntas vén á ter.

410

Queridiña, donch'os ollos
tamén che me don os meus;
váinos á lavar ô río
donde a trôita lava os seus.

457

Coloradiña d'a cara
eu no-na quixera ser,
unha mazán colorada
todol-a queren comer.

(1) Cf. a cantiga castelhana :

Al pasar por esta calle
Todo el mundo cante bien,
Que à la entrada hay una rosa
Y á la salida un clavel.

Em outros cancioneiros portugueses existe uma quadra mais semelhante a esta do que a de n.º 249 da minha colecção.